
ISSN: 2176-5960
Προμηθεύς
Journal of Philosophy
n. 47 Janeiro- Abril de 2025


ATENÇÃO EXPECTANTE COMO DISPOSITIVO DE MOBILIZAÇÃO DAS MASSAS: NOTAS SOBRE A MULTIDÃO ELEITORAL DE GUSTAVE LE BON

Ma. Renata Dias Ribeiro[1]

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

RESUMO: O presente artigo se propõe a analisar o conceito de "multidão eleitoral" a partir da obra *Psicologia das Multidões,* de Gustave Le Bon (1841-1931), tendo como foco principal a compreensão da dinâmica dos afetos que mobiliza a ação das massas. Ao decorrer da obra, Le Bon descreve os mecanismos psicológicos que estruturam as multidões e delineia as técnicas de mobilização afetiva empregadas pelos líderes carismáticos. A multidão eleitoral, enquanto um tipo particular de multidão, não distingue sua psicologia das demais multidões descritas pelo autor: ela compartilha das mesmas características de credulidade, simplismo dos sentimentos exacerbados e suscetibilidade à sugestão. No entanto, sua importância reside na maneira como as técnicas de propaganda política se articulam para estimular a chamada *atenção expectante*. A atenção expectante é um conceito central à análise proposta, pois se refere à disposição psicológica da multidão em se deixar afetar por narrativas, promessas e imagens que mobilizem suas aspirações imediatas. Trata-se do estado de expectativa passiva e afetivamente carregada, no qual as massas, ao invés de ponderarem ou criticarem racionalmente o conteúdo recebido, encontram-se psicologicamente predispostas a aceitar o que lhes é oferecido pelos líderes. Embora seja um conceito fundamental para entender a lógica de funcionamento das campanhas políticas nas democracias modernas, compreendemos que a atenção expectante é, de certa forma, negligenciada nas interpretações mais correntes da obra de Le Bon. Neste sentido, defendemos que esse conceito constitui o verdadeiro nexo entre os fatores psicológicos e primitivos e a técnica de propaganda aplicada pelo líder carismático. A análise destaca ainda o papel do prestígio do líder eleitoral, elemento que constitui uma das principais forças de mobilização e dominação. No contexto eleitoral, o prestígio, muitas vezes vinculado à riqueza, funciona como operador da atenção expectante, tornando o eleitorado ainda mais suscetível ao encantamento e à aceitação inquestionada das promessas feitas. Discutimos criticamente essa perspectiva leboniana, apontando como sua descrição da psicologia das massas eleitorais reflete, em grande medida, os temores e anseios das elites políticas do seu tempo, e não uma análise neutra das capacidades políticas das classes populares. Por fim, o artigo propõe uma reflexão sobre as implicações da psicologia das multidões para a democracia representativa contemporânea.

---

[1]Possui graduação (2017) e mestrado (2020) em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFS. Pesquisa na área de Ética e Filosofia Política Contemporânea, com ênfase em Psicologia das Multidões e na Teoria Crítica Racial, especialmente nos autores Sigmund Freud, Gustave Le Bon e Patricia Hill Collins E-mail para contato: renatalhp_@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Le Bon, Multidão eleitoral, Psicologia das Massas, Atenção expectante, Prestígio.

ABSTRACT: This article aims to analyze the concept of "electoral crowd" based on the work *The Psychology of Crowds* by Gustave Le Bon (1841-1931), with a primary focus on understanding the dynamics of emotions that drive the actions of the masses. Throughout the work, Le Bon describes the psychological mechanisms that structure crowds and outlines the affective mobilization techniques employed by charismatic leaders. The electoral crowd, as a particular type of crowd, does not distinguish its psychology from that of other crowds described by the author: it shares the same characteristics of credulity, oversimplified emotions, and susceptibility to suggestion. However, its significance lies in the way political propaganda techniques are articulated to stimulate what is called "expectant attention." Expectant attention is a central concept in the proposed analysis, as it refers to the psychological disposition of the crowd to be affected by narratives, promises, and images that mobilize their immediate aspirations. It is a state of passive, emotionally charged expectation in which the masses, instead of weighing or critically evaluating the content received, are psychologically predisposed to accept what is offered to them by leaders. Although it is a fundamental concept for understanding the operational logic of political campaigns in modern democracies, we argue that expectant attention is, in some ways, neglected in more mainstream interpretations of Le Bon's work. In this sense, we assert that this concept forms the true link between psychological and primitive factors and the propaganda technique applied by the charismatic leader. The analysis further emphasizes the role of the leader's prestige, an element that constitutes one of the main forces of mobilization and domination. In the electoral context, prestige, often linked to wealth, acts as an operator of expectant attention, making the electorate even more susceptible to enchantment and the unquestioning acceptance of promises made. We critically discuss this Le Bonian perspective, pointing out how his description of the psychology of electoral crowds largely reflects the fears and anxieties of the political elites of his time, rather than providing a neutral analysis of the political capacities of the popular classes. Finally, the article proposes a reflection on the implications of the psychology of crowds for contemporary representative democracy.

KEYWORDS: Le Bon, Electoral crowd, Psychology of Crowds, Expectant attention, Prestige.

Introdução

Em *Psicologia das Multidões*, Gustave Le Bon (1841-1931) se propõe a apresentar um quadro de reconhecimento da psicologia das massas. Nesse sentido, o autor analisa o fenômeno das massas, delineando os mecanismos psicológicos formadores das multidões, os tipos de multidões, bem como as características gerais e específicas dos sentimentos e comportamentos das multidões. Os capítulos da referida obra representam cada etapa da construção desse quadro de reconhecimento, de modo que um em específico constitui o foco do presente artigo: a multidão eleitoral.

Consideramos a discussão sobre a multidão eleitoral, uma via de acesso interessante a obra de Le Bon, na medida em que seremos capazes de analisar, a partir da especificidade das multidões convocadas para eleger um representante a um cargo ou a uma função, as técnicas para mobilizar sentimentos e provocar ações que são próprias da psicologia das massas de modo geral. Além disso, nos interessa refletir, a partir do posicionamento leboniano, sobre o

sufrágio universal[2], ampliando a discussão sobre as tensões entre os efeitos da psicologia das massas sob a forma das técnicas de propaganda e a democracia representativa. É pertinente à análise o conceito que permeia toda a técnica de propaganda aplicada às multidões eleitorais, a saber: a atenção expectante. Embora seja central na obra de Le Bon, especialmente ao tratar dos fatores imediatos, ou seja, fatores que dizem respeito às técnicas utilizadas pelo líder para mobilizar as massas, esse conceito é, por vezes, negligenciado ou permanece à sombra dos mecanismos de sugestão e contágio. Além disso, não mereceu a devida atenção nos parcos estudos acadêmicos a respeito desse autor. A despeito disso, consideramos que a atenção expectante constitui o nexo entre os fatores psicológicos e primitivos e a técnica de propaganda aplicada pelo líder carismático e, ainda hoje, esse recurso é empregado com eficácia para derrotar adversários e manter a massa em estado de alerta.

Neste artigo, o leitor encontrará, primeiramente, uma caracterização da multidão eleitoral; em seguida, uma análise sobre a peculiaridade do prestígio do líder nesse contexto; e, por fim, uma reflexão sobre a democracia permeada por uma política dos afetos.

1- Quem é a multidão eleitoral? Das expectativas para a atenção.

Em se tratando de psicologia das massas, sobretudo da psicologia das multidões de Gustave Le Bon, nos vem à mente as características gerais do fenômeno descrito pelo autor. Sobre este ponto, sabemos que a multidão é um fenômeno de natureza primariamente psicológica, cujos efeitos podem impactar a política e, por conseguinte, a história. Suas características gerais montam um espectro de emoções instintivas, que estão diretamente ligadas ao que o autor entende por hereditariedade. Assim, de modo geral, para a multidão psicológica não há mediação entre o desejo uniformemente coletivo e a sua realização; entre a recepção de uma narrativa fantasiosa e a crença nela. Por isso, é fácil traduzir tal explicação nas noções gerais de simplismo, credulidade, exagero e irritabilidade das multidões. No entanto, é importante destacar que as dinâmicas multitudinais variam conforme as razões que as impulsionam e, por conseguinte, os efeitos que produzem. Em outras palavras, as características específicas das multidões são influenciadas por diversos fatores sociais, culturais e contextuais, incluindo as estratégias empregadas pelos líderes e o contexto histórico em que determinado povo está inserido.

[2] Le Bon traz ao centro do debate uma discussão típica do final do século XIX: a do sufrágio universal. Este era marcado por tensões políticas em torno da ampliação do direito ao voto a determinados grupos sociais. Podemos observar essa discussão na França e, ainda no século XX, nos Estados Unidos, onde a primeira onda feminista, enquanto lutava pelo sufrágio feminino, também questionava os efeitos do direito ao voto concedido aos negros recém-libertos após a Guerra de Secessão. Cf: Livro de Cady Stanton e Angela Davis.

Dito isso, se nos questionarmos a respeito da diferença entre a psicologia das multidões eleitorais e a psicologia das multidões, de maneira geral, certamente chegaríamos a uma resposta simples e rápida: a psicologia das massas eleitorais "é idêntica às das outras multidões, nem melhor nem pior". (LE BON, 2018, p.171). Isso significa dizer que todos os elementos da psicologia das multidões se aplicam também à multidão no contexto eleitoral. Mas de que maneira as técnicas de mobilização das massas dessa natureza são aplicadas? Como tais técnicas são recebidas pelo eleitorado? E, mais relevante ainda, quais são as expectativas tanto do eleitorado multitudinal quanto dos líderes? Essas questões norteiam a análise da obra a partir deste ponto.

Ora, Le Bon descreve esse tipo de multidão como uma coletividade heterogênea[3], composta por indivíduos de classes sociais e modos de vida distintos. Embora compartilhem o propósito comum de eleger um representante, suas diferenças em interesses e anseios influenciam diretamente a forma como cada grupo recebe as técnicas eleitorais empregadas pelos candidatos à líder. Nesse sentido, as técnicas de uso de palavras mágicas e gestos com a finalidade de produzir afetações parecem cruciais no jogo de encantamento do líder carismático, pois a combinação de palavras de sentido amplo com a corporeidade apaixonadamente impositiva do líder materializa uma expectativa: aquilo que o líder projeta sobre as massas e, ao mesmo tempo, desperta nelas sob o nome de *atenção expectante.* Isso porque Le Bon pondera se é legítimo se perguntar de que maneira a opinião de um eleitor pode ser formada em condições como essa. O que o leva a responder que levantar essa questão pode ser uma ilusão, considerando o real grau de liberdade de uma coletividade, uma vez que, de acordo com o autor, as multidões não constroem suas opiniões de forma refletida, mas sim as recebem de maneira imposta. (LE BON, 2018)

A partir disso, passamos a descrever as multidões eleitorais, com o objetivo de seguir com a análise dos mecanismos de mobilização multitudinal. Segundo Le Bon, as massas eleitorais são seduzidas, em primeiro lugar, pelo *prestígio* do líder. Esse é um fator explorado de forma pormenorizada na obra de Le Bon[4], que dedica um capítulo a esse ponto e, embora

[3] A pluralidade das multidões é ilustrada pela divisão leboniana entre multidões homogêneas e heterogêneas, nas quais contém subdivisões. Le Bon define:"uma multidão heterogênea, composta por elementos dessemelhantes apresenta em relação às multidões homogêneas, formada por elementos mais ou menos semelhantes (seitas, castas e classes) características comuns e [...] particularidades que permitem diferenciá-las"(LE BON, 2018, p.31).

[4]Para seguirmos com a análise proposta no artigo, avalio que basta a síntese sobre a compreensão leboniana de prestígio já disposta no corpo do texto. Ainda assim, é pertinente destacar que o termo é de tamanha importância que o autor afirma existir uma verdadeira *psicologia do prestígio*. Além disso, Le Bon propõe uma divisão em

tenha um sentido bastante amplo, é possível explicar da seguinte maneira: prestígio são os atributos pessoais e materiais, como habilidades, inteligência, astúcia, um raro magnetismo pessoal, fortuna, cargos ou posições de poder que são capazes de produzir um fascínio inexplicável nas pessoas para as quais ele se dirige. Segundo ele, o prestígio é capaz de paralisar a mente ou o espírito, ou seja, "é o motor mais poderoso de toda a dominação" (LE BON, 2018, p.122).

No caso da multidão eleitoral, a forma mais comum de obter e performar prestígio é a partir da fortuna, uma vez que, na visão de Le Bon, a multidão eleitoral não admira "os seus". Isso significa que a diferença de classe, sob qualquer forma que represente uma possibilidade de ascensão social, é o que leva os eleitores a sentirem fascínio pelo líder. Nas palavras do autor:

> Se os eleitores, compostos sobretudo de operários e camponeses, tão raramente escolhem um dos seus para representá-los é porque as personalidades oriundas de suas fileiras não têm para eles nenhum prestígio. Nomeiam um semelhante apenas por razões acessórias, por exemplo, para contrariar um homem eminente, um patrão poderoso, na dependência do qual o eleitor se encontra diariamente e em relação ao qual passa a ter, assim, a ilusão de tornar-se senhor por um instante. (LE BON, 2018, p.166).

Existem alguns pontos interessantes a se ponderar sobre esse trecho. O primeiro é que, a despeito da noção de prestígio do líder não ter, necessariamente, uma relação com classe, nesse contexto, a classe do líder mostra-se crucial. Nesse sentido, é possível pensar que, se há verdade na descrição do "raciocínio" das massas, faz sentido a pasteurização e desvalorização da cultura de massas promovida pelas elites; afinal, a descrição leboniana da multidão carrega, muitas vezes, os desejos e temores da elite política de sua época, projetando sobre o fenômeno multitudinal uma imagem que mais revela os anseios dos que desejam governá-la do que sua realidade material. Isso significa dizer que, quando Le Bon afirma que as classes populares não admiram os seus, precisamos apresentar tal afirmação sob um olhar crítico e localizado para compreender que o autor fala com a boca das elites que já promoveram um

dois tipos: o prestígio adquirido e o prestígio pessoal. O prestígio adquirido refere-se àquele que se estabelece em razão da fortuna, de um cargo de poder, da nobreza e, até mesmo, das vestes e posses que a pessoa faz questão de ostentar. Por outro lado, o autor menciona o prestígio pessoal, considerado o mais importante, potente e raro. Esse tipo de prestígio é atribuído a figuras como Napoleão, Jesus e Joana d'Arc — a única mulher citada nessa posição em toda a obra do autor. Seu magnetismo e poder de fascínio seriam tamanhos que dispensariam o uso da riqueza ou o apelo das palavras e fórmulas para conquistar a massa. Veremos, ao longo do texto, que o tipo mais comum de prestígio presente nas multidões eleitorais é o adquirido pela riqueza, uma vez que a ascensão social constitui o desejo predominante do eleitorado. Para mais informações, conferir o capítulo intitulado *Os condutores de multidões e os seus meios de persuasão* (*A psicologia das multidões*).

processo de *desclassificação* da classe trabalhadora[5]. Assim, entendemos o resultado, e se quisermos empregar uma categoria freudiana, o *Ideal de Eu* da massa é aquele que representa a ascensão social, mas o processo que antecede tal resultado deve aparecer na análise para que não se perpetue uma espécie de biologização ou naturalização do subordinado, como observa-se no subtexto do *opus* leboniano[6].

Em segundo lugar, observa-se uma complexidade incomum nas razões que levam a massa eleitoral a escolher o operário em detrimento dos homens da alta classe. Se, de modo geral, a multidão eleitoral não se distingue das multidões psicológicas em termos de funcionamento psíquico, cabe então a pergunta: por que, nesse ponto do texto, o autor sugere que pode haver uma rejeição consciente ao homem de prestígio, como forma de puni-lo? Essa passagem, ainda que funcione como preparação para o argumento seguinte — isto é, o de que apenas o homem de prestígio é capaz de conduzir uma campanha eficaz ao massagear o ego dos eleitores — revela, ao mesmo tempo, uma certa hesitação por parte do autor.

---

[5]Avalio ser necessário justificar o uso do termo “desclassificação” aqui empregado, uma vez que ele provém de um escrito contemporâneo, mas que se aplica perfeitamente à época em que a *Psicologia das Multidões* teve grande influência. . Na obra intitulada, *Aspectos do Novo Radicalismo de Direita* (1967/2020), Adorno apresenta fatores que contribuem para a ascensão de grupos radicais que podem ser resumidamente divididos em três grandes eixos: aspectos materiais/socioeconômicos, aspectos da psicanálise aplicada à psicologia social e os mecanismos de propaganda. No que diz respeito aos aspectos materiais, Adorno observa que os alemães, no período pré-1933, passavam por um processo de pauperização e medo da desclassificação social, o que caracterizava um "desfazimento" de parte da classe trabalhadora tal como ela era conhecida até então. De modo semelhante, compreendo que, guardadas as devidas proporções e especificidades do contexto da França de Gustave Le Bon, a classe trabalhadora vivia — como historicamente sempre viveu — sob o temor constante da desclassificação, da aniquilação e de sucumbir frente às mudanças impostas pelo avanço do processo capitalista de acumulação de capital. É nesse sentido que se dá o uso do termo: para destacar como, em ambos os contextos, o medo da perda de status social e da destruição da própria condição de classe molda profundamente a psicologia coletiva, tornando-a suscetível a processos de mobilização política de massas.

[6]Empregamos aqui o termo **biologização** ou **naturalização do subordinado**. Em nossa hipótese, Le Bon constrói sua psicologia das massas no espírito de certo positivismo, influenciado por autores como Herbert Spencer, buscando descobrir e organizar leis que regem a psique das massas. Tais leis são tanto psicológicas quanto biológicas e hereditárias, ou seja, a base para o horizonte de funcionamento da psique das massas é determinada por fatores geográficos e raciais que, em sua visão deturpada, espelham os fatores biológicos.É possível verificar essa perspectiva desde a obra *The Influence of Race in History* (1888), na qual o autor afirma que desenvolverá uma "embriologia social", passando por *Psicologia da Evolução dos Povos* (1894), até a obra presentemente tratada, ao falar dos “fatores longínquos” para a mobilização das massas. Resumidamente, os fatores longínquos são aqueles que estabelecem um terreno fixo e estável, determinando a identidade social, intelectual e afetiva de um povo. Dentre esses fatores, podemos citar a raça, as tradições e o tempo, sendo a raça o fator mais estável segundo Le Bon.Em outras palavras, os fatores longínquos determinam quais tipos de excitantes determinado povo é capaz de receber, bem como a forma como o povo pode reagir a eles. Nesse sentido, quando Le Bon descreve dominantes e dominados, ele necessariamente recorre a fatores biológicos e naturais para justificar essa dominação.

Ao admitir que a massa é capaz de rejeitar conscientemente alguém de prestígio, ele acaba por reconhecer, mesmo que indiretamente, que a massa possui demandas e expectativas que precisam ser atendidas. Vale notar que o autor não diz que os operários conseguem satisfazer essas demandas; ele afirma que os eleitores reagem, sugerindo que o comportamento da massa não é apenas passivo ou manipulável, mas também atravessado por desejos e formas de agência. Ao longo de toda a obra, encontramos afirmações que indicam não apenas que a razão é dispensável no âmbito da psicologia das massas, mas também que ela se situa fora desse registro. Um exemplo disso é a seguinte afirmação sobre a relação entre a razão e a multidão, ou de forma mais precisa, a relação de ineficácia e, mesmo de prejuízo, que o uso da razão realiza frente à uma multidão. Vejamos:

> Deixemos, então, a razão para os filósofos e que ela não intervenha demasiado no governo dos homens. Não é com a razão, antes muitas vezes contra ela, que se têm desenvolvido sentimentos como a honra, a abnegação, a fé religiosa, o amor da glória e da pátria, que foram, até hoje, os grandes fatores de todas as civilizações (LE BON, 2018.p 109)

Não se trata aqui de discordar do autor quanto ao fato incontornável de que a psicologia das multidões é, primariamente, o domínio dos afetos, mas, paralelamente, de atentar para a conveniência do cenário que se constrói: a caracterização das multidões como intrinsecamente e exclusivamente psicológicas, regressivas e vazias. Sem dúvida, estamos diante de uma flagrante dinâmica psíquica que torna as massas passíveis de manipulação por parte de um líder de prestígio, como vimos e veremos ao longo do artigo; contudo, mantemo-nos no exercício de permanecer vigilantes quanto ao aproveitamento do mecanismo psicológico das massas para negar a agência das camadas populares. Nesse sentido, é pertinente notar que a afirmação de que a razão "é para os filósofos" transborda o desprezo pelas massas e o desejo de se obter uma massa sem razão — e esse desejo é de suma importância para se entender o funcionamento e às técnicas de mobilização das massas.

Dito isso, seguimos com a análise da multidão eleitoral. Observa-se que é preferível que o líder dessa multidão seja prestigioso em razão de suas posses, de seu poder aquisitivo ou, ainda, por performar seu pertencimento à alta classe. Isso ocorre, em primeiro lugar, porque esse é, como mencionado, o atributo mais comum e direto para que o líder obtenha prestígio, ou seja, o poder de fascínio e encantamento. Mas, nas palavras de Le Bon, "a posse e o prestígio não são suficientes para assegurar o sucesso do candidato. O eleitor quer que aludem suas ambições e vaidades; o candidato deve cobri-lo de extravagantes bajulações, não hesitar em fazer-lhe as mais fantásticas promessas." (LE BON, 2018, p.166)

Ora, vê-se que, na compreensão de Le Bon, o fascínio só pode ser causado por aquele que dispõe de atributos simples e flagrantemente admiráveis, como é o caso da riqueza. Não seria possível, então, que a multidão eleitoral fosse acometida por um fascínio irresistível diante de um líder operário, que vive diariamente os problemas da classe trabalhadora? Arriscamo-nos a dizer que, se o fascínio prescindir da capacidade da multidão de reconhecer valores pessoais desse líder — como a inteligência para articular uma greve, a honestidade e a gentileza para com os seus —, a resposta, à luz da análise de Le Bon, é claramente não, pois a multidão é incapaz de reconhecer essas sutilezas. Com exceção da motivação pela punição dos homens de poder, restaria apenas que esse operário gozasse do tipo mais raro de prestígio, o *prestígio pessoal*, próprio dos líderes natos da história mundial; do contrário, toda técnica empregada por um candidato a líder pertencente às classes populares mostrar-se-á ineficaz.

No que diz respeito às técnicas, os líderes não economizam os tais elogios aos eleitores, além de ofensas aos possíveis inimigos do seu eleitorado, assim “diante dos operários, nunca é demais injuriar e difamar os patrões". (LE BON, 2018, p.166.). O líder finge partilhar dos mesmos sentimentos das multidões e busca ser a voz simplória de suas aspirações.

Ora, vê-se que, na compreensão de Le Bon, o fascínio só pode ser causado por aquele que dispõe de atributos simples e flagrantemente admiráveis, como é o caso da riqueza. Atribuímos esse fato, para além do típico simplismo das multidões, ao fator da disputa entre líderes, visto que, nesse contexto, surgem outros candidatos a líder que irão criar tensões na tentativa de também conquistar o eleitorado. Nesse momento, segundo Le Bon, é imprescindível que o líder tenha conhecimento da psicologia das massas, pois é essa ciência que lhe permitirá compreender que, nesse campo, apenas um líder deve possuir verdadeiro prestígio aos olhos das massas, e, para isso, ele não hesitará em desferir xingamentos e ofensas, apresentando seu adversário sob o pior aspecto possível. Irá difamá-lo e injuriá-lo, associando-o diretamente ao inimigo provável dos seus eleitores, sem jamais se preocupar em apresentar provas. Assim, um homem de prestígio diante da multidão eleitoral será aquele que conseguirá desvelar o completo suposto desprestígio de seu adversário. Nas palavras de Le Bon:

> Expressões como: O infame capital, os vis exploradores, o admirável operário, a socialização das riquezas etc. sempre possuem o mesmo efeito, apesar de já estar um pouco desgastadas. Mas o candidato que conseguir descobrir uma fórmula nova, desprovida de sentido preciso e consequentemente adaptável às mais diversas aspirações, obtém um infalível sucesso. (LE BON, 2018, p.167.)

As ofensas e a falta de sentido no discurso são métodos, sem dúvida, eficazes para transformar o campo do discurso em um palco para a construção de realidades fantásticas e inverossímeis, produtoras de afetos. O líder jamais poderá recorrer à razão para justificar suas acusações, nem usar argumentos para se defender das acusações feitas por seu adversário. Segundo Le Bon, isso não apenas demonstraria fraqueza por parte daquele que deveria falar com a voz de uma verdade implacável, mas também o enfraqueceria em sua autoridade e prestígio. Assim, o líder deve responder as acusações com outras ainda mais fortes e infames, de forma que sua campanha não sucumba[7].

Na esteira dessas técnicas de mobilização seguem também as campanhas de governo. Elas não devem ser muito categóricas, factíveis ou detalhadas, pois o candidato corre o risco de ser cobrado mais tarde, quando o entusiasmo dos grupos eleitorais mais aguerridos e envolvidos pelas sugestões do líder em campanha se dissipar. Um bom líder, no sentido leboniano, saberá manter seu eleitorado em estado de atenção expectante, ou seja, em uma condição psicológica de expectativa e vulnerabilidade, pronto para receber uma nova notícia, uma nova estratégia de campanha, uma nova ilustração de ameaças ou de um grande e fantasioso acontecimento.

Para o líder que ludibria, há apenas ganhos nesse descompromisso com o registro e a formalização de suas promessas, pois o que realmente importa é a campanha verbal: é no discurso que o líder realiza sua dança de encantamento. É sem as amarras da realidade que o exagero, o simplismo e as promessas tão vazios quanto fantásticos se apresentam e arrebatam as multidões. Assim, Le Bon reforça sua ideia — ou desejo — de que nenhuma ideia, demanda ou qualquer tipo de agência provenha da multidão. Quem se pergunta por isso, ainda não compreendeu o funcionamento de sua psique e, por conseguinte, falha em dominá-la. Vejamos a síntese de Le Bon:

> Pergunta-se como, em tais condições, pode-se formar a opinião de um eleitor? Colocar semelhante questão seria iludir-se estranhamente sobre o

[7]Nas últimas eleições em São Paulo, observamos um amplo uso do que, com base em Le Bon, podemos chamar de “retórica da ofensa”. O candidato Pablo Marçal, um líder extremista que impacta pelo prestígio da “riqueza” e fala de maneira desavergonhada, quase chegou ao segundo turno, mesmo após vários episódios em que proferiu absurdos contra seus adversários, sem apresentar provas. Esse processo culminou no famoso “episódio da cadeirada”, envolvendo o apresentador Datena. O caso ilustra como as técnicas descritas por Le Bon permanecem ativas e continuam a servir de referência para líderes de tendência fascista. **Sobre as ofensas proferidas por Pablo Marçal, conferir:**”Justiça Eleitoral determina retirada do ar de vídeos com ofensas de Pablo Marçal contra Boulos”, no G1. **Sobre o “ Episódio da cadeirada”, conferir:** “Datena agride Pablo Marçal com cadeirada durante debate em São Paulo”

> grau de liberdade que que goza a coletividade. As multidões possuem opiniões impostas, nunca ponderadas. (LE BON, 2018, p.170.)

Após apresentar as características das multidões eleitorais e sua dinâmica, jogamos luz ao que Le Bon chama de "sentimentos e moralidade das multidões", que se traduz no que o comportamento e temperamento do indivíduo em multidão é capaz de apresentar. Trata-se, em primeiro lugar, da impulsividade, instabilidade e irritabilidade das multidões. Sabemos que as multidões agem a partir de estímulos externos, dos estímulos disponíveis no momento. Além disso, tais estímulos têm grande impacto no inconsciente das pessoas, uma vez que, desligados de suas personalidades individuais, os indivíduos em grupo não conseguem acessar suas personalidades conscientes. Nesse sentido, a multidão é joguete de estímulos, são tão irritáveis e tão capazes de afetação que "em um segundo passam da ferocidade mais sanguinária à generosidade ou ao heroísmo mais absoluto. A multidão é facilmente carrasco, mas não menos facilmente mártir." (LE BON, 2018, p.40).

Além dessa irritabilidade ou afetação capaz de trazer os indivíduos a estados emocionais diferentes do esperado de seu estado de consciência, é preciso destacar que todo sentimento despertado nas multidões é tão instável que precisam ser modificados, renovados e alimentados constantemente, pois "as multidões que querem as coisas freneticamente, não querem por muito tempo. São tão incapazes de uma vontade durável quanto de pensamento" (LE BON, 2018, p.41). Essa ideia corrobora não somente com o fato de o líder precisar manter a multidão em *atenção expectante*, mas também com a ideia de que a multidão é transitória e efêmera, por excelência. É preciso, portanto, usar de meios eficazes para mantê-la sempre em estado de alerta. Ora, diante do sentimento de impossibilidade e irresponsabilidade, diante do poder do anonimato e da força por afirmação repetida do grupo, a multidão não diferencia uma ideia de sua execução, tampouco calcula as consequências das realizações de seus desejos; para ela, não há obstáculos que não possam ser ultrapassados. Nesse sentido, na multidão, não será difícil os indivíduos cederem a pilhagem, assassinado, estando sempre dispostos a dar a vida pela vontade irresistível do grupo que o líder conduz.

Consideremos também, dentre as características das multidões, a sugestionabilidade e a credulidade, isso significa que a multidão está num estado de atenção expectante que favorece a sugestão e, por sua vez, o contágio. Por esse motivo, as narrativas fantásticas, que possuem múltiplos sentidos, se ajustam perfeitamente ao estado de encantamento em que a multidão se encontra, demonstrando sua eficácia para espalhar narrativas a partir do contágio.

Se a multidão não pensa, não produz ou expressa demandas individuais, tampouco sustentam um desejo por muito tempo, como o líder transmite os seus desejos para a multidão? A resposta está num processo de pensamento por imagem. É assim que Le Bon explica o funcionamento da imaginação das multidões:

> A criação de lendas que circulam tão facilmente entre as multidões não é somente o resultado de uma credulidade completa, mas também das prodigiosas deformações que os acontecimentos sofrem na imaginação dos indivíduos reunidos. O mais simples acontecimento visto pela multidão rapidamente se converte num acontecimento desfigurado. Ela pensa por imagens, e a imagem evocada, por sua vez, evoca uma série de outras sem ligação lógica com a primeira [...]. A razão mostra a incoerência de tais imagens, mas a multidão não a vê; e aquilo que sua imaginação deformante apresenta ao acontecimento ela confundirá com o acontecimento (LE BON, 2018, p.44).

O que nos chama atenção é a visão de Le Bon acerca da incapacidade que as multidões têm de diferenciar o subjetivo do objetivo. A multidão é movida por suas certezas, convicções e crenças, de modo que toda imagem que for evocada na mente das multidões, por mais fantástica que seja, ultrapassa o fato observado e torna-se uma "verdade inquestionável", pois "as deformações [da realidade] são da mesma natureza e têm o mesmo sentido *para todos os indivíduos da coletividade*" (LE BON, 2018, p.44 *grifo nosso*). Isso porque as alucinações das multidões são produzidas externamente, propagadas por contágio e reforçadas internamente e, dessa forma, não é possível sequer cogitar que aquilo que é visto pelas multidões é outra coisa senão a percepção compartilhada no grupo. Essa credulidade anda de mãos dadas com a sugestionabilidade e faz com que lendas e superstições se propaguem e modifiquem a alma coletiva. Segundo Le Bon, "para ela [a multidão] o inverossímil não existe e é necessário não o esquecermos para podermos compreender a facilidade com que se criam e se propagam as mais espantosas lendas e narrativas." (LE BON, 2018, p. 35). Assim, a imaginação, sem auxílio do pensamento crítico, leva a multidão a atos dos mais absurdos. É nítido, para Le Bon, que o intelecto do indivíduo em multidão é muito menos acentuado em relação ao indivíduo isolado, sendo assim os meios mais eficazes para fazerem brotar sentimentos fortes na multidão é o uso de palavras, ideias e gestos simples e recorrentes, e, uma vez sugestionadas, "[...] as multidões vão direto para os extremos. A suspeita enunciada logo se transforma em evidência indiscutível. Uma ponta de antipatia ou desaprovação que, no indivíduo isolado, permaneceria pouco acentuada, logo se torna um ódio feroz no indivíduo em multidão" (LE BON, 2018, 52).

Ora, como a multidão tem caráter efêmero, podendo, portanto, se dispersar de uma hora para outra, cabe ao líder através das armas da propaganda mantê-la constantemente em expectativa, alimentando sua imaginação com frequência para tê-la sob controle, sempre à espera da próxima notícia, da próxima palavra, da próxima aparição e orientação do líder carismático. Dessa forma, movidos pela crença na sugestão recebida, devido à falta do que podemos chamar de "filtro" de informação (o uso do intelecto), não apenas notícias falsas são geradas e se espalham, mas igualmente expectativas são geradas e os membros da massa são atraídos de modo magnético e esperam atentamente os próximos passos do seu líder, que contagia e afeta a todos que se encontram sob seu poder de influência.

Em *A Psicologia das Multidões*, Gustave Le Bon apresenta uma análise minuciosa sobre o comportamento coletivo, estabelecendo uma distinção fundamental entre os fatores longínquos e imediatos que influenciam as massas. Esses dois conceitos, embora distintos em sua natureza e temporalidade, encontram um ponto de convergência na figura da atenção expectante, uma condição psicológica crucial para o entendimento do movimento das multidões. A atenção expectante não é apenas um estado passivo de espera; ela representa o terreno psicológico no qual os fatores imediatos se tornam determinantes para a ação coletiva, e é, ao mesmo tempo, o reflexo de processos históricos e culturais que moldam o comportamento das massas.

Os fatores longínquos são as forças mais sutis e profundas, que agem sobre as massas ao longo de um longo período de tempo. São, em grande medida, os aspectos estruturais e culturais que constituem a identidade coletiva de um grupo, como suas tradições, sua religião, suas crenças e valores históricos. Essas forças geram um tipo de predisposição latente, quase invisível, que prepara a massa para uma eventual ação. Trata-se de uma formação psicológica que não se manifesta de imediato, mas que se acumula de forma gradual, constituindo um estado psicológico subjacente que aguarda a oportunidade de ser ativado.

Por outro lado, os fatores imediatos são os estímulos que desencadeiam a reação da multidão em um momento presente. Eles podem ser eventos políticos, discursos inflamados, crises econômicas ou até mesmo símbolos que têm um forte apelo emocional. Esses fatores atuam como o gatilho que põe em movimento a energia acumulada pelas massas. A chave para entender o funcionamento da psicologia das multidões é perceber que, sem a predisposição gerada pelos fatores longínquos, os fatores imediatos teriam um impacto muito

menor. A atenção expectante, nesse contexto, funciona como o ponto de interseção entre essas duas esferas de influência.

A atenção expectante, na visão de Le Bon, é um estado psicológico no qual as massas se encontram alertas e suscetíveis a qualquer estímulo. Esse estado não é, contudo, uma reação espontânea ou aleatória; ele resulta de um processo histórico e cultural que prepara as massas para uma determinada experiência. Em outras palavras, a atenção expectante é, simultaneamente, uma manifestação dos fatores longínquos e a condição necessária para a ativação dos fatores imediatos. Quando uma massa se encontra em atenção expectante, ela está, por assim dizer, em um estado de "prontidão" para ser mobilizada por um evento ou situação específica.

A relação entre esses dois tipos de fatores pode ser ilustrada através de eventos históricos em que as massas demonstraram uma prontidão quase incontrolável para reagir a eventos imediatos. Tomemos como exemplo as grandes mobilizações políticas, como a ascensão do nazismo na Alemanha ou os movimentos sociais no século XX. Em ambos os casos, o terreno psicológico das massas foi preparado ao longo de décadas, por meio de condições sociais, culturais e econômicas adversas, criando uma atenção expectante que tornou seu povo vulnerável à atuação de líderes “carismáticos” e de discursos fantásticos. Quando Hitler, por exemplo, fez suas aparições públicas, ele não criou apenas uma reação imediata, mas acionou um estado de atenção expectante já profundamente enraizado na psique coletiva do povo alemão.

Portanto, a atenção expectante desempenha um papel fundamental ao conectar os fatores longínquos com os imediatos, funcionando como o "elo" psicológico que permite a transição entre a preparação histórica das massas e a ação impulsionada pelos estímulos presentes. Ela é, assim, a chave para entender por que as massas podem ser mobilizadas rapidamente, a partir de um estado de latência, quando as condições adequadas são apresentadas. Le Bon, ao conceber a atenção expectante dessa forma, revela a complexidade das dinâmicas de poder sobre as multidões, demonstrando que, embora os fatores imediatos tenham grande importância, eles só adquirem sua eficácia a partir de um contexto psicológico que se constrói ao longo do tempo.

> A multidão é sempre guiada por suas necessidades imediatas e pelas sugestões que os fatos lhe transmitem. Contudo, essas sugestões não têm eficácia senão quando encontram uma predisposição já estabelecida na alma da massa, uma predisposição gerada pela herança de sentimentos coletivos e

> pela tradição. Esta predisposição é o que permite que a atenção expectante seja despertada, pois, sem ela, os fatores imediatos não teriam poder para desencadear a ação da multidão (LE BON, 2020, p.44).

Conclusão

A partir da análise da multidão eleitoral em Gustave Le Bon, observamos que a dinâmica da mobilização política de massas repousa sobre um alicerce psicológico profundamente marcado por afetos, imagens e impulsos primitivos. O conceito de atenção expectante emerge, nesse contexto, como um dispositivo central para a compreensão do funcionamento da propaganda política dos nossos dias que contempla um estado psíquico de abertura emocional e de passividade que torna as massas altamente sugestionáveis. Esta atenção expectante, ao ser acionada por líderes carismáticos por meio do prestígio, de promessas vagas e do uso calculado de símbolos, permite a criação de narrativas que mobilizam aspirações imediatas sem demandar a mediação da razão ou da crítica reflexiva.

No entanto, ao nos debruçarmos sobre a descrição leboniana das massas, torna-se imprescindível reconhecer que sua análise está longe de ser neutra. Le Bon fala a partir de uma perspectiva histórica e social específica: a das elites intelectuais e políticas do final do século XIX, inquietas diante da ampliação dos direitos políticos das classes populares. Assim, a concepção das multidões como irracionais, infantis e perigosas não apenas descreve, mas também prescreve uma atitude de desconfiança e contenção em relação às formas emergentes de participação popular. A atenção expectante, nesse sentido, é simultaneamente um conceito explicativo e um sintoma dos temores de sua época: uma maneira de compreender a força política dos afetos populares, mas também de justificá-la como algo a ser administrado e instrumentalizado.

A análise do prestígio como operador da atenção expectante reforça essa ambiguidade. Se, por um lado, Le Bon reconhece o poder magnético de determinados líderes, por outro, sua teoria sugere que o prestígio mais valorizado pela multidão não é o prestígio ético ou intelectual, mas aquele associado à riqueza, à aparência de sucesso e à dominação social pré-existente. Essa leitura evidencia como o prestígio é construído a partir de hierarquias sociais historicamente constituídas, sendo reforçado — e não desafiado — no campo da psicologia das massas.

Portanto, a descrição da multidão eleitoral por Le Bon nos obriga a refletir criticamente sobre o lugar dos afetos e como eles são mobilizados no interior no âmbito das democracias liberais contemporâneas. Se é verdade que as emoções são indissociáveis da vida

pública e que a razão, sozinha, não governa a escolha coletiva, também é verdade que a concepção das massas como meramente irracionais obscurece sua capacidade de agência, resistência e criação. Ao negligenciar as contradições, os desejos e as estratégias possíveis no interior dos agrupamentos populares, corre-se o risco de reiterar uma visão *monofocal* da realidade[8], ou seja, uma visão despolitizadora e que ignora categorias fundamentais a toda análise política como raça, classe e gênero.

Concluímos, portanto, que a atenção expectante, longe de ser apenas um estado de passividade e "neutralidade" a ser explorado por líderes oportunistas, pode também ser pensada como um terreno ambíguo, onde se inscrevem tanto a manipulação quanto a potência política. Compreender a complexidade desse dispositivo é crucial não apenas para interpretar os fenômenos eleitorais de ontem e de hoje, mas também para imaginar formas de construção democrática mais sensíveis à pluralidade dos afetos e mais vigilantes em relação aos riscos da dominação por parte dos líderes extremistas e carismáticos.

Referências Bibliográficas:

ADORNO, T: A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: Ensaios sobre psicologia social e psicanálise. Editora Unesp. São Paulo: 2015.

CONSOLIM, Marcia Cristina. Gustave Le Bon e a reação conservadora às multidões. Anais do XVII Encontro Regional de História–O lugar da História. ANPUH/SP UNICAMP. Campinas, v. 6, 2004.

CONSOLIM, Márcia Cristina. Crítica da razão acadêmica: campo das ciências sociais livres e a psicologia social francesa no fim do século XIX. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

COSTA, João. Só mais 72 horas: a história dos bolsonaristas radicais em Brasília, à espera por uma decisão que não veio e o que acontecia enquanto isso fora do movimento golpista.

[8]Aqui refiro-me diretamente à explicação de Patricia Hill Collins sobre a interseccionalidade, visão que atualiza a proposta de teóricos críticos como Theodor Adorno. Se Adorno, ao analisar o fenômeno fascista, o fez a partir de diversos "aspectos", Collins propõe que abandonemos nossas lentes monofocais — ou seja, nossa tendência a uma visão única da realidade — e as troquemos por lentes multifocais. Isso nos tornaria mais capacitados para perceber que, em toda análise política, uma série de atores (ou categorias sociais) está em cena de forma inseparável e simultânea. Dessa forma, mesmo o fenômeno psicológico das multidões revela outras dinâmicas que podemos trazer à luz.

Revista Piauí, Brasília, 10 jan. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/so-mais-72-horas\>. Acesso em: 27 abr. 2025.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Boitempo Editorial, 2016.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. Ed. L & PM. Porto Alegre: 2019

G1. Pela 7ª vez, Justiça Eleitoral determina retirada do ar de vídeos com ofensas de Pablo Marçal contra Boulos. *G1*, São Paulo, 23 ago. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2024/noticia/2024/08/23/pela-7a-vez-justica-eleitoral-determina-retirada-do-ar-de-videos-com-ofensas-de-pablo-marcal-contra-boulos.ghtml. Acesso em: 28 abr. 2025.

G1. Datena agride Pablo Marçal durante debate. *G1*, São Paulo, 15 set. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2024/noticia/2024/09/15/datena-agride-pablo-marcal-durante-debate.ghtml. Acesso em: 28 abr. 2025.

LE BON, G. *Psicologia das multidões*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

LE BON, Gustave. *Psicologia Da Política*. Clube de Autores, 2018.

LE BON, Gustave. *As opiniões e as crenças*. Garnier, 1922.

LE BON, Gustave. *Psicologia Da Evolução Dos Povos*. Clube de Autores, 2009.

MOSCOVICI. S. *L'âges des foules : Un traité historique de psychologie de masses*.1985.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Boitempo Editorial, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. Boitempo Editorial, 2022.